

*Associação livre*

ANO V, EDIÇÃO VII, DEZEMBRO DE 2016

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA

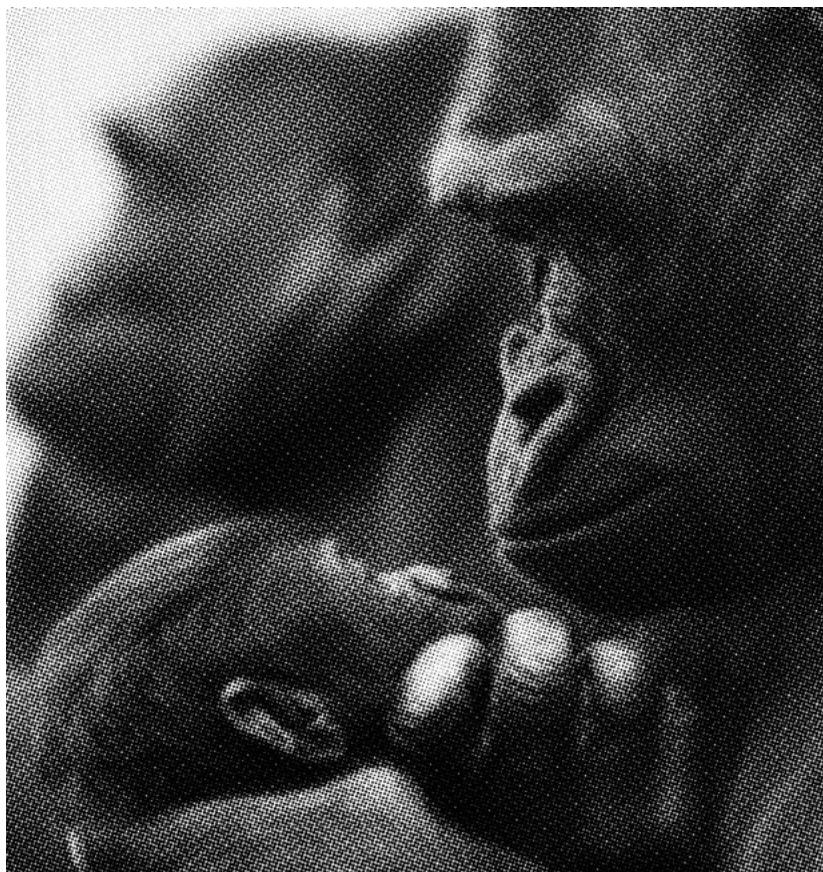


*A PSICANÁLISE NA CULTURA*





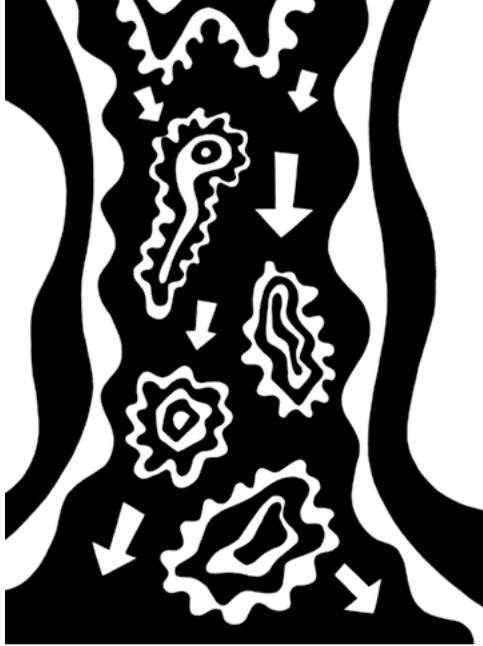
# PRIMATAS



MATRIZ POR VEZES ESQUECIDA DA RELAÇÃO ENTRE PRIMATAS.  
DOCE E DOÇURA NUM GESTO MÚTUO.  
REALIDADE SENSORIAL E REALIDADE PSÍQUICA EM ATO ÚNICO.  
DESNECESSÁRIAS PALAVRAS.  
AO FUNDO, UM ATENTO E DISCRETO TERCEIRO.

*Avelino Neto*

*membro titular e analista didata da  
Sociedade de Psicanálise de Brasília*



# A TERCEIRA MARGEM DO RIO

*Sylvain Levy*

Nesse conto de Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras Estórias*, pode-se observar tanto o distanciamento mítico entre o filho, narrador da estória, e o pai na canoa como a proximidade espiritual entre eles, que pode ser considerada como uma crença do filho.

Existe, também, o distanciamento fantástico entre a expressão ‘terceira margem do rio’ e a realidade das duas margens.

Quando não se consegue conviver com a angústia real do não saber, do não conhecer, inventa-se, na maioria das vezes, um saber fantasiado.

Quantas vezes a terceira margem do rio é criada com outros nomes, na simples dinâmica psíquica do fantasiar para acalmar, para aliviar a dor da angústia.

**Porém não existe melhor alvejante que a luz do sol. Até por motivos econômicos a verdade é mais eficiente, pois para mentir necessita-se usar a mente duas vezes: uma para conhecer a verdade e outra para escondê-la. A relação verdade-mentira é mais complexa que a existente entre realidade e fantasia. Rosa, nesse mesmo conto, escreve: “o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade”.**

São três as percepções no conto. A do pai, na canoa; a do filho, narrador e a das demais pessoas: família, amigos e conhecidos.

Seguindo a sugestão de Bion, construindo uma grade própria e pensando numa estrutura singela, podem ser idealizados três níveis de uso da mente: entendimento, aceitação e gozação.

A família, os amigos e conhecidos não en-

tendem, não aceitam nem gostam do comportamento do personagem que ancora numa canoa e cria a terceira margem do rio.

O filho procura entender o que o pai faz durante tantos anos e pelo amor ao pai aceita a sua ação, mas nunca consegue gostar. Por esse personagem pode-se pensar que a aceitação independe do entendimento e do gostar de algo, como que confirmando que os três níveis de uso da mente não são interdependentes, mas autônomos e livres na circulação do universo psíquico.

O pai, personagem principal e misterioso, é dissecado na percepção que o filho dele traz. Imagina-se que ele goste de sua viagem ao mesmo lugar, ao mesmo rio, trafegando entre as margens e criando a terceira margem com e pela sua própria presença. Tem-se a impressão de que apenas ele entende sua aventura, mas fica-se com a certeza de que ele aceita o destino que ele mesmo construiu e viveu.



*Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# PROUST: LITERATURA, PSICANÁLISE E FILOSOFIA

*Carlos de Almeida Vieira*

*Porque, como já demonstrei, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem.*

(O Tempo Redescoberto)

*Quanto a isso, continua o Sr. Proust, meu livro será talvez como um ensaio de uma sequência de “Romances do Inconsciente”...*

A literatura está intrinsecamente ligada à filosofia, à psicologia e à psicanálise. Desde o primeiro documento literário, a Bíblia, encontramos razões suficientes para pensar os meandros, as questões ligadas às vicissitudes da alma e, por que não afirmar, a preocupação em descrever, compreender e dar sentido às manifestações da realidade psíquica, ainda que o foco seja moral e religioso, restrito desse modo a algo estabelecido por preconceitos. No entanto, vai depender do modo como se lê um texto repleto de metáforas e ensinamentos.

Ao psicanalista, hoje, é inadmissível a privação dos textos literários como subsídios para aprofundar com mais riqueza o conhecimento da realidade sensível e psíquica. Não se pode prescindir da leitura de Shakespeare,

Virgílio, Homero, Quixote, e tantos outros clássicos que meditaram consciente e inconscientemente em suas obras a questão da existência humana nas mais diversas manifestações. S. Freud nunca escondeu sua humilde e respeitosa atitude em reafirmar que em tudo o que ele observou, pesquisou e encontrou em seu divã, os poetas já tinham chegado antes.

É nesse contexto que proponho coisa que não é novidade para uma maioria de autores, romancistas, críticos literários, filósofos e historiadores: reforçar a ideia de que ao psicanalista não se entende ficar fora da leitura dos “ícones da literatura”, para com eles aprender e desenvolver seu método de trabalho, principalmente, sua arte de psicanalisar. Wilfred Bion sabia disso quando enfatizou os vários vértices de olhar do psicanalista: o científico-filosófico; o estético-artístico e o místico-religioso.

Jeanne-Marie Gagnebin, em seu posfácio: “Entre sonho e vigília: quem sou?”, publicado no volume primeiro do *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust – *No caminho de Swann*, tradução de Mário Quintana, faz uma síntese de questões implícitas na obra de Proust, quando escreve: “Tal prova modificadora de si mesmo, a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido*, a configura de maneira exemplar. Trata-se de um texto que desafia definições rígidas dos gêneros literários e os ultrapassa, criando uma nova unidade fundadora na escrita contemporânea: romance, autobiografia aparente que desmascara sua impossibilidade, ensaio estético-filosófico, tratado de psicologia”. Enfatizo aqui, ex-

Para acompanhar a viagem proustiana de Carlos de Almeida Vieira, o psicanalista e artista Alexandre Ricciardi navegou por mares diferentes e fez uma representação da obra literária, em sua multiplicidade de estilos, nacionalidades, idiomas. Escolheu seu autor preferido, Nelson Rodrigues, e expressou a diversidade de elementos psicanalíticos contidos na obra rodrigueana.



traíndo da leitura desse ensaio, que a obra de Proust é uma “autoanálise” em busca do ser, mas de um ser que é somente validado na experiência do vivido e não do teorizado.

Saliento nesse escrito, que por motivos óbvios não há condições de um prolongamento maior, a necessidade de pensar: qual o método de Proust para conhecer “o perdido”? Qual a semelhança de sua disciplina para esperar a apofania da “memória involuntária”? Sua autoanálise, do meu ponto de vista, mesmo sem conhecer os estudos de Freud, os elementos do “artesanato psicanalítico”: estado onírico (atenção flutuante); memória involuntária (advindo da atenção flutuante(?); “durante o sono (ao dormir), não havia cessado de refletir sobre o que acabara de ler”. Diz a ensaísta citada acima: ...ele (Proust) se afirma unicamente enquanto aquele que pensa, medita, sonha, hesita, duvida, escreve, toma a palavra, como sujeito da atividade de enunciação, diria Benveniste. Na arte do psicanalista para desenvolver e propor nomear as experiências não pensadas dos seus analisandos quando vivem, fazendo uma metáfora, quando inebriados através do olfato no contato com suas “Madeleines” acompanhadas de suas “memórias involuntárias”. Esse processo descrito de uma maneira poética na *Recherche* auxilia os psicanalistas na disciplina de observação e no desenvolvimento de sua experiência compartilhada com seu colega de trabalho – o analisando.

Philippe Willemart, francês, radicado no Brasil, psicanalista e diretor do Laboratório do Manuscrito Literário (FFLCH/USP), profundo conhecedor da obra de Marcel Proust, em seu belo e profundo livro: *Proust, Poeta e Psicanalista*, editado pela Ateliê Editorial, lembra Freud através de uma citação contida nos *Ecrits*, p. 431: “O que distingue Freud de todos os autores que escreveram sobre o mesmo assunto, e inclusive do grande Fechner,

é a ideia de que o objeto da busca humana nunca é um objeto de reencontros no sentido da reminiscência. O sujeito não reencontra os trilhos pré-formados de sua relação natural com o mundo exterior. O objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objeto”.

Sem ter a pretensão de psicanalisar a obra de Proust, coisa que aceito com reservas, meu interesse aqui é se dedicar mais ao estudo de uma “sinfonia inacabada por Proust que começa com uma exposição, uma apresentação do tema – ‘no caminho de Swann’, seguindo por um desenvolvimento compreendido por seus cinco seguintes volumes, culminando com um grande final(?) – ‘o tempo redescoberto’”. É para mim uma travessia autoanalítica, algo que poderia ser lido pensando na “interpretação dos sonhos” de Freud. Aliás, Walter Benjamin, em seu ensaio “A Imagem de Proust”, aproxima-se dessa ideia quando sugere que: “Os treze volumes de *À la recherche du temps perdu* (traduzido por ele para o alemão) é o resultado de uma síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber do erudito e a concentração do monomaniaco se condensam numa obra autobiográfica”. A obra de Proust é mais uma celebridade que tem a capacidade de, através das suas descrições, fazer de tal modo que cada um, inevitavelmente, encontre experiências próprias do seu vivido.

Fica aqui nesse escrito o convite para mergulhar mais nessa “sinfonia”; nessa experiência insólita, sofrida, recolhida à escuridão de um quarto e às vicissitudes do “dormir”, do “sonhar”, do “lembrar involuntário”, do conviver com a doença desde criança. Da experiência do tempo; do procurar no vivido, o ser e não o saber sobre o ser, de um modo

teórico e inteligente. Essa travessia rememorada, pensada e vivida, autobiográfica, autoanalítica, soma o quanto Freud criou como consequência de sua análise; o sofrimento por viver e ser de Gustave Flaubert (Proust foi seu leitor), assim como de Balzac, e aqui, em nossa literatura, reside também na pena de Guimarães Rosa e na evolução do pensamento de Carlos Drummond.

*Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo quando ele, o explorador (aquele que procura), é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar (onde deve procurar) e onde todo o seu equipamento (toda sua bagagem) de nada lhe servirá. Explorar? Procurar? Não apenas explorar (procurar). Está em face de qualquer coisa (algo que ainda não existe (é) e a que só ele pode dar realidade (e que somente ele pode realizar) e fazer entrar na sua luz. (No caminho de Swann)*



*Carlos de Almeida Vieira é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro titular e professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.*

# EXPERIÊNCIAS DE CRIATIVIDADE

RESSONÂNCIAS DA JORNADA “MORTE E VIDA: NOVAS CONFIGURAÇÕES NA CULTURA E NA COMUNIDADE”, REALIZADA PELA FEBRAPSI E SPBSB. BRASÍLIA, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2016.

*Cíntia Xavier de Albuquerque*

Um ano após a criação da Diretoria de Comunidade e Cultura da FEBRAPSI, o grupo diretor presidido por Daniel Delouya, em parceria com a Sociedade de Psicanálise de Brasília, realizou a primeira jornada especificamente dedicada à psicanálise inserida na cultura e em contato com a comunidade.

Tivemos o privilégio de contar com a participação de colegas de diversas federadas – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília, que têm tido, há muitos anos, participação ativa em projetos de psicanálise a céu aberto, essa linda expressão que tomamos emprestado da FEPAL – Federação Latino-Americana de Psicanálise.

Com isso enfatizamos nossa intenção de entender a psicanálise para além dos consultórios, aproveitando e utilizando sua riqueza e profundidade para examinar e compreender fenômenos humanos e contribuir para com a sociedade onde estamos inseridos.

O presidente Daniel Delouya fez a conferência de abertura sobre Psicanálise na Cultura. Ressaltou a constante atenção de Freud aos aspectos culturais da vida. Destacou que o processo de construção do psiquismo se dá dentro de “uma reserva, a cultura”.

A presidente da SPBSb, Mirian Ritter, informou sobre os diversos e importantes projetos levados adiante há muitos anos em nossa cidade. O levantamento feito pela Diretoria de Comunidade e Cultura sobre todos os tipos de atividades das federadas foi apresentado, bem como os primeiros resultados da pesquisa Psicanálise a Céu Aberto, feita

em parceria com a FEPAL. Em breve essas informações serão divulgadas.

Alguns convidados detalharam projetos em andamento junto a comunidades de alta vulnerabilidade social: Joyce Goldstein (SPPA), Magda Khouri (SBPSP) e Teresa Lopes (SBPRJ). Leonardo Francischelli (SBPdePA) e Ney Marinho (diretor científico da FEBRAPSI) debateram o curta metragem *Ilha das Flores* (1989), extremamente impactante e atual. Na plateia envolvida e interessada, contamos também com a participação das experientes colegas Alice Lewkowicz e Elisabeth Cimenti (SPPA).

Após a jornada, Francischelli destacou a ideia de uma FEBRAPSI-cidadã, lembrando-nos que, antes de sermos psicanalistas, somos cidadãos, o que significa podermos nos colocar no lugar do outro.

Maria Elizabeth Mori, da SPBSb, com extensa experiência em psicanálise institucional, considera que a jornada foi uma “apresentação pública da Diretoria de Comunidade e Cultura que marcou o interesse da SPBSb em dialogar com a comunidade local”. Propõe que seja dada continuidade a esse tipo de iniciativa em todas as federadas da FEBRAPSI e que as programações sejam divulgadas nos sites institucionais.

A colega Rossana Nicolliello, que representa a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais, nos enviou gratificante mensagem, da qual destaco alguns trechos: “Os psicanalistas agregaram-se uns aos outros, fazendo dessa prática um perfil de coerência

no que se acredita ser a verdadeira psicanálise, essa que se entrelaça com a cultura e com a comunidade. O que trouxe coerência à temática foi presenciar a harmonia entre representantes de inúmeras federadas em um clima de respeito, generosidade e preciosos esclarecimentos, cuidando daqueles que ainda engatinham em seus projetos sociais. Nossa gratidão por esses dias de grande enriquecimento!”

*Maria Elisabeth Cimenti, da SPPA, sentiu que “a jornada transcorreu num clima de reflexão e questionamento. Foi mais um espaço aberto pela FEBRAPSÍ para os psicanalistas poderem pensar sobre um fazer, no qual a realidade social é considerada mais efetivamente, extrapolando em sua ação os muros impostos pela clínica privada e seus consultórios. Tal práxis recoloca a psicanálise, que passa a se definir como um instrumento de interpretação das diferentes realidades humanas e sociais que se apresentam, utilizando a palavra e a escuta como ferramentas para sua compreensão. Vivenciou-se uma psicanálise com consciência cidadã”.*

Uma das apresentadoras convidadas, Joyce Goldstein considerou a jornada “uma rica e proveitosa experiência, com amplos e profundos debates, abarcando desde a problemática do atual momento do Brasil, até o impacto e perplexidade em nós, psicanalistas, diante da imensidão das questões sociais que assolam o indivíduo. Temáticas a respeito da exclusão social, desamparo, dor da existência, humilhação, desprezo e indiferença social foram abordados. Certos ficamos da importância de nosso olhar e escuta para a interface psicanálise e comunidade, assim como do fortalecimento das redes e rodas de conversas entre nossa própria Sociedade Psicanalítica e as demais Sociedades Federadas.”

Daniel Delouya disse que “os trabalhos apresentados nessa jornada demonstraram uma reflexão acurada sobre a relevância do pensamento psicanalítico nos diversos campos da cultura e da política. Ademais ilustraram a potência da escuta psicanalítica no trabalho com diversos setores das comunidades. Trabalhos psicanalíticos já avançados junto às comunidades não só deflagraram demandas crescentes sobretudo entre os jovens, mas permitiram acompanhar efeitos desta escuta. O que abre um campo fértil de interlocução e ampliação entre psicanalistas e o enriquecimento desta área de investigação no seio das federadas e das atividades científicas da FEBRAPSÍ”.

Magda Khouri considera que “a FEBRAPSÍ inaugura um espaço para abrir ou renovar o debate sobre as extensões do método psicanalítico, levando a nossa clínica a territórios que ainda devem ser explorados por nós. Convoca todos a refletir sobre as variações necessárias do enquadre, sobre o pensamento clínico que ultrapassa o atendimento, dirigindo o nosso olhar aos fenômenos do mundo, seus movimentos culturais e sociais. A primeira jornada em Brasília foi uma amostra de como existem trabalhos consistentes no campo da comunidade, já anunciando que a nova diretoria será um centro aglutinador das atividades dos colegas brasileiros, com a possibilidade de ampliar a reflexão do fazer psicanalítico, tanto dentro como fora dos consultórios”.

Ney Marinho conclui assim seu belo depoimento: “Um momento inaugural não só de uma diretoria mas de um projeto, como Daniel Delouya tem repetidas vezes enfatizado, de reincorporar à psicanálise sua dimensão de crítica da cultura que permeia toda a obra freudiana. Foi um êxito... um momento entre o sonho e a realidade, talvez próprio das experiências de criatividade”.

*É questão delicada e complexa tentar harmonizar tantos fatores envolvidos no contato mais íntimo da psicanálise na cultura e nas diversas comunidades. Mas temos experiências que mostram o quanto nossa participação pode ser criativa e reveladora aos que podem dela se beneficiar. Para encerrar – e com o desejo de estimular e desenvolver cada vez mais nossa nova diretoria – destaco um sentimento, sem o qual não nos voltamos para o outro, não nos comovemos, não contribuimos com nosso olhar, escuta e conhecimento: o amor. De muitas maneiras. Que venham muitos outros encontros dos psicanalistas dentro e fora de casa.*



*Cíntia Xavier de Albuquerque é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília e diretora de Comunidade e Cultura da FEBRAPSÍ.*

# O TEMPO DE ENCONTRO

TRANSCRIÇÃO DA CONFERÊNCIA DE ABERTURA, EM 11 NOVEMBRO, DA JORNADA “MORTE E VIDA: NOVAS CONFIGURAÇÕES NA CULTURA E NA COMUNIDADE”, REALIZADA PELA FEBRAPSI/SPBSB EM BRASÍLIA.

*Daniel Delouya*



Quero cumprimentar vocês pela sua presença na primeira jornada da Diretoria de Cultura e Comunidade da FEBRAPSI. À Cintia Xavier de Albuquerque, de Brasília, nossa primeira diretora de Comunidade e Cultura e, como acabou de afirmar a presidente da SPBSb, Mirian Ritter, os temas de Comunidade e Cultura são prioridade dessa gestão. Por que prioridade? Quando Freud afirma em 1921 que a vida psíquica é uma psicologia social, não significa reduzir o psiquismo a um arraçoado social. Nós sabemos que o primeiro momento em que a mãe sonha, em que o casal sonha o bebê que a mãe carrega em seu ventre, configura já uma inserção na cultura. Isso é o psíquico.

Não se trata de fazer uma etiologia social

do psiquismo, mas, ao contrário, encontrar o psiquismo em cada setor e facção da cultura. Algo que a FEPAL contribui com a bela expressão: *psicanálise a céu aberto*, uma psicanálise onde a gente pensa o psíquico em cada fenômeno humano e procura encontrá-lo através de um método. Ao mesmo tempo, pensar a psicanálise na comunidade e na cultura é uma *psicanálise complicada*. No consultório, temos um trabalho *complexo* e, na cultura e comunidade, a psicanálise é um labor complicado. Como diz Pierre Fédida, a psicoterapia é uma psicanálise complicada; são muitos fatores que complicam nosso trabalho na cultura e comunidade, demandando dessa escuta um alerta especial.

Há cinco anos, numa diretoria presidida por Leonardo Francischelli, que nesta noite e nesse evento nos prestigia em sua presença e trabalho, nossa secretária atual Anette Blaya Luz era diretora científica da FEBRAPSI que realizou o Congresso Brasileiro em Ribeirão Preto, em comemoração aos 100 anos do artigo de Freud de 1911 (*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*). Como todos sabem, esse belo ensaio é referência maior, e a base da famosa grade, do Bion e seus seguidores brasileiros. Isso é algo interessante, prenhe de esperança, pois se Francischelli que, como alguns sabem, pensa muito com Lacan, ele realizou um Congresso que, em grande parte, foi voltado aos temas do grupo de Bion. Brincando, sério, quem sabe Trump, que acabou de ser eleito, mude também nossa perspectiva.

O texto de Freud de 1911 é uma espécie de bíblia dos bionianos. Bion, que há quase 40 anos visitou Brasília e trabalhou por aqui, marcou nossa psicanálise brasileira. Bion se dedicou a traçar a construção do pensamento, em seus diversos aspectos, e a evolução do pensar como a sede do trabalho psíquico, a partir desse texto freudiano. As categorias do pensar, desde a conjunção constante (Hume), a negativa, a notação, a atenção, a investigação (de início melhor nomeada, Édipo) até a ação; e a evolução do pensamento desde os elementos opacos (sensórios e instintivos) beta, e o início de sua construção psíquica como algo digerível, sonhante, alfa, e a evolução destes (em sonhos, narrativas e mitos), depois em preconcepção, concepção, conceitos, etc.... Todos vocês conhecem a grade de Bion, principalmente aqui em Brasília, e as sociedades oriundas de São Paulo, além do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Mas, se atentarmos ao trabalho de 1911, essa construção do psíquico, do sonhar e do pensar, verdadeiro alvo deste texto de Freud, se dedicou a uma dimensão que foi em grande parte abafada na nossa tradição. Porque essa construção foi vista entre “eu e você”. Eu, analista, você, paciente, eu e você na sala de análise, a mãe e o bebê, toda pessoa que vem para análise nos fala de mamãe e papai, eu-você, você, minha mamãe e meu papai, embora trata-se de uma visada mais ampla, da construção do psíquico. Há, no entanto, neste texto de 1911 – e é a partir desta citação que o próprio Bion constrói os *Elementos de Psicanálise* – a seguinte indagação: o que existe entre o corpo, a pulsação deste, até a ação? A gente constrói algo, a gente tem que conter algo, um trabalho psíquico, a construção de uma mente. Pessoalmente não gosto desse nome “mente”, essa palavra não existe em Freud. Ele dizia que existe uma alma, uma psique.

Mas Freud diz mais: entre essa ação do corpo, entre a pulsão até a ação, o que se deve construir (o pensar) só se constitui se houver um ambiente, uma área intermediária, habitado em algo que ele chama de reserva, de cultura. Dentro dela Freud inclui a arte, a religião, a ciência, e todas as instituições da cultura. Existe um trabalho intermediário que se cria ali. Para educar, por exemplo, é preciso que haja amor. E amor é, justamente, a sexualidade infantil recalcada do adulto que vem ao encontro da criança e deve acolhê-la para que algo cultural aconteça, algo que Winnicott vai chamar de local da experiência cultural, em *O brincar e a realidade*.

É nessa área intermediária que a cultura atua. Qualquer experiência cultural, por exemplo, a música. O que faz o artista? Ele infiltra o recalcado através de alguns meios, assim ele vive o infantil, transmite-o para nós, para podermos lidar com ele, e o artista adquire fama, amor, dinheiro, e outros bens do mundo. Assim se faz o trabalho cultural. Então, o cultural tem a ver com o acesso ao recalcado. A cultura, essa dimensão intermediária, onde podemos situar a *revêrie* materna. No texto sobre a teoria do pensar, prelúdio dos *Elementos*... Bion se refere à providência da *revêrie* a partir do *sojourn* (novamente artigo francês), passeio e temporada, de elementos beta, agoniantes do bebê, no terreno materno, reencontrando o trabalho cultural de sua vida infantil (da mãe), para se transformar em elementos alfa. O texto de Freud, de 1911, é um texto maravilhoso, esquecido na nossa tradição. Não estou acusando os bionianos, ao contrário, Bion é um dos meus autores preferidos, mas sua tradição foi centrada no consultório, esquecendo toda a parte da qual Bion construiu a grade.

Quando se chega a *Totem e Tabu*, Freud vai dizer que existe, para essa aquisição da cultura, um limite. Um limite que Freud situa

na célula do psiquismo e o chama de masoquismo erógeno, ou seja, as pulsões. E vocês sabem disso: em algum momento o brincar cessa. Quando o brincar para, Winnicott sabia disso, não se tolera a aposta do desconhecido, e ao invés disto se entra o desespero e se quer controlar, e Freud diz: quando a gente começa a controlar demais, a gente entra na área da destrutividade, do domínio. Melanie Klein constrói toda sua obra em torno dessa ideia. O avanço para o psiquismo é uma construção infinita de predicados, como Freud diz no *Projeto*, é uma abertura sobre o desconhecido... E nesse ponto Freud vai bem mais longe do que Winnicott, Bion e talvez Lacan. Winnicott diz que temos que respeitar em algum momento a agressividade, pois ela contém alguma esperança. Sim, é verdade, mas essa concessão e gentileza “inglesa” tem limites. Para Freud, em algum momento não há mais escapatória.

A cultura quer demais, a cultura quer anular o psíquico, a abertura sobre o desconhecido (a fé em Bion). Quer dominar o mundo, e vemos isso hoje nos meios da inteligência artificial, na informática, na medicina digital, na ciência robótica que está se ampliando. Ao chegar aqui, ouvia a fala de Mirian: o curso que mais cresce hoje nos Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália, Europa é o que se chama ciência do futuro. Em quatro áreas: transporte, comunicação, biologia digital e robótica. Isso Freud já havia dito para nós! O homem vai querer substituir a falta, o brincar e a criatividade pelo controle e a dominação; o homem quer estender o controle sobre o mundo, e isso é impossível, ele tem que aceitar esse lugar e quando não o aceita, ele gera o que Freud chama de destrutividade. O homem tenta controlar o outro, controlar-se, submeter o outro, submeter-se, refugiar-se na área do gozo, do entorpecimento, das atuações. O homem vai revelar eclosões psicossomáticas, a fuga para religiões e para as modas, a agressividade, em qualquer que seja o espaço cultural.

Freud dizia: o que a gente permite para as crianças? Para brincar, elas precisam brigar em algum momento. Se a briga passa, volta o brincar. Mas na vida social, não. Qualquer casal sabe que a gente transa para não brigar e briga para não transar. Isso está no final dos *Três Ensaíos*, em que Freud vai mostrar as aberrações da sexualidade infantil e a miséria da vida do casal na modernidade, mas ainda assim, diz Freud, isso não é suficiente, porque a cultura não contém e não tolera a liberação do excesso e sua contenção como

no terreno infantil: o que ela busca é usurpar o psiquismo. Essa tendência preocupa o Freud, por isso a maior parte de sua obra é voltada para a vida cultural. Também a de André Green, um dos analistas cuja obra em relação à cultura ultrapassa mais de dois terços de sua transmissão, isso pouca gente sabe.

Temos aqui uma questão, pois o psiquismo tem maleabilidade. Nessa situação cultural, em vez de destrutividade, a pessoa encontra vias de evacuação, não consegue simbolizar e cria um monumento, o fetiche, quando não consegue mais ir adiante. Cria-se um Trump que diz “vou salvar vocês, vou bater nos outros”. Bion já sabia disso: são os grupos de pressupostos básicos. A dependência, quando eu penso: vou cuidar de tudo; o grupo do acausalamento: vamos fazer uma farrã; ou vamos dizer que o outro é inimigo, aí é luta e fuga; e assim se governa maravilhosamente bem, sobretudo quando a situação está ruim. E assim se gera e se fixa em líderes loucos.

Mas o jogo não está encerrado. A modernidade, o avanço da cultura, nos dão muitos elementos ricos, por exemplo, aceitar a diversidade. Há uma saída que é gerar diversidade. Hoje a aceitamos a diversidade no plano sexual, a cultura dá espaço para as variações, mas para lidar e cuidar desse balanço, temos que manifestar certa preocupação. A psicanálise é a arte de resgatar o respeito pelo outro enquanto outro, enquanto sujeito, e daí nossa responsabilidade em velar por ele na cultura.

Quando pensava em minha fala aqui e me veio o texto de Freud de 1911, lembrei de um tempo da minha infância. Na minha latência eu cheguei a um bairro de imigrantes, aonde moravam pessoas de mais ou menos 10 origens e línguas diferentes, ficávamos a cerca de dois quilômetros da fronteira. Nenhuma pessoa havia nascido lá. Estávamos nos anos 60, eu era uma criança de sete anos, escutei muitas línguas, e havia muitos sobreviventes de campos de concentração com numeração, obra nazista, nas mãos. Tínhamos uma espécie de centro comunitário, que em hebraico se chama *moadon*, que significa ser lugar de *tempo de encontro*, tempo de ternura. Vem da palavra Éden que em hebraico significa *tempos infinitos da ternura*. Então, é possível tentar cuidar da cultura, tendo muita atenção por ela.

*Daniel Delouya é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e presidente da Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI.*

# A PSICANÁLISE A CÉU ABERTO: EXPERIÊNCIA DE UMA PSICANALISTA

*Lúcia Passarinho*

Ao ser convidada para trabalhar no programa “Rede Solidária Anjos do Amanhã”, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, deparei-me com o desafio de aplicar os princípios da psicanálise no trabalho social, dentro de uma instituição do Poder Judiciário.

Naquela época, a IPA iniciava o movimento de orientar seus membros a participar de forma efetiva de trabalhos na comunidade como um todo, o que representou para mim um incentivo a mais para aceitar e trilhar esse percurso desconhecido e desafiador.

*Passei, então, a procurar de que maneira minha formação poderia ser útil para uma população que vive em total precariedade, tanto estrutural como emocional. Como lidar com demanda tão grande do mundo externo, sem perder o foco do mundo interno e dos princípios básicos que sustentam a psicanálise. Por outro lado, intuía que ali havia um espaço fértil de trabalho. Seguindo o que aprendi com a formação de psicanalista, entendi que era necessário evitar o caminho fácil do assistencialismo. Investir em ações capazes de desenvolver a capacidade de resiliência e tornar esses jovens protagonistas da própria história.*

Foi com esse foco que a partir de 2008 passei a coordenar a Rede Solidária, até me aposentar em 2015, quando continuei a atuar de forma voluntária.

A criação da Rede se deu em 2006 pelo juiz titular da Vara da Infância e Juventude, que percebia que os processos julgados não alcançavam os objetivos esperados, na medida em que o Estado não oferecia os recursos necessários para que as crianças e adolescentes abrigados, ou em cumprimento de medidas socioeducativas, pudessem se desenvolver plenamente.

O art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA destaca os princípios da so-

lidariedade, da responsabilidade social e da necessidade de cooperação mútua entre Estado e comunidade. A partir dessa lei, a sociedade é chamada ao dever moral de contribuir para que crianças e jovens em situação de vulnerabilidade possam ter acesso aos seus direitos básicos. Não havia uma intenção de substituir as políticas públicas, mas sim de incentivar a cooperação mútua entre **Estado e comunidade**.

Tendo em vista a orientação da legislação, o programa consiste em reunir ações voluntárias para atender às necessidades das crianças e adolescentes atendidos pela Vara da Infância e Juventude, de modo a lhes oferecer recursos adequados ao pleno desenvolvimento físico, psíquico e social. O objetivo é encontrar, na sociedade civil e nos órgãos públicos, parceiros voluntários a contribuir para o resgate da cidadania de uma parcela da sociedade que vive em situação de abandono e risco social.

Como regra geral, a separação de crianças e jovens do núcleo familiar deve ser provisória. Antes que a criança ou jovem seja inscrito para adoção, é necessário aparelhar as suas famílias, seja do ponto de vista da autossustentabilidade, como do crescimento emocional e ético. O objetivo é evitar que a situação que motivou o encaminhamento ao abrigo se repita. Nesse contexto, vislumbrei espaço fértil para a psicanálise.

Sabe-se que a família é estruturante da personalidade, da internalização da lei e da moralidade social. Assim sendo, as ações que implantamos são inspiradas em teorias psicanalíticas sobre as raízes da agressividade excessiva e da ética social, nas primeiras relações humanas. Nesse paradigma, a delinquência juvenil é uma deformação resultante de condições emocionais atualizadas e agravadas por traumas vividos. Essas ideias nos levam à importância da profilaxia e da

prevenção, através de medidas reparadoras e terapêuticas. Sabemos que uma criança cujos objetos internos não estão equilibrados entre o bom e o mau tenderá a colorir e ver o mundo contaminado pelas suas cores internas. A criança que guarda dentro de si a prevalência de objetos maus poderá desenvolver mecanismos de defesa violentos, antiéticos e antisociais. Por outro lado, quando as primeiras relações são suficientemente boas, a criança desenvolve a confiança nos seus objetos internos e a esperança no outro é fortalecida.

Com o intuito de exemplificar a importância do voluntariado e do pensamento psicanalítico usado no dia a dia dos processos julgados, apresentarei alguns casos que acompanhei como supervisora da Rede.

O primeiro trata-se de um pai que perdeu a guarda dos filhos em razão de violência praticada contra eles. Por ordem judicial, as crianças foram retiradas da sua companhia e colocadas em uma instituição de acolhimento. Na ocasião, eu acompanhava na instituição um treinamento oferecido às cuidadoras do abrigo. Pude testemunhar as condições de desamparo dessas crianças. O mais novo, de apenas 1 ano, era acaalentado pelo irmão mais velho, de 10 anos, enquanto o outro, gêmeo do segundo, vagava sua tristeza pelo pátio.

De acordo com o relatório do processo, eles chegaram à instituição acompanhados por uma policial e com graves lesões físicas. O motivo das agressões foi a comunicação ao pai, feita pela professora, do furto de um celular por parte de uma das crianças. A escola informou que aquela não teria sido a primeira agressão sofrida pelos meninos e que várias vezes apresentaram hematomas pelo corpo. Sobre o pai, o relato da psicóloga da instituição de acolhimento dizia que ele se apresentou para a entrevista bastante emocionado. Demonstrava arrependimento, falando dos filhos com carinho e lamentando seu cansaço por estar sozinho na criação dos meninos. Concluía o relatório afirmando que os meninos tinham medo e pavor pelo pai. O juiz da Vara da Infância decidiu afastar

as crianças e solicitou à Rede Solidária Anjos do Amanhã providenciar terapia para a família e verificar a possibilidade de futura reinserção. Ressalta-se que, na maioria das decisões judiciais relativas a crianças e adolescentes em situação de risco, é solicitado atendimento psicológico antes que medidas definitivas sejam tomadas. Após estudar o caso decidi encaminhar o pai a uma psicanalista voluntária.

O acolhimento oferecido pela analista proporcionou um espaço de escuta e de continência ao pai, onde ele pôde expressar os sentimentos de impotência e angústia por não ter com quem dividir a responsabilidade e o cuidado das crianças. Ele se deu conta de que o abandono das crianças pela mãe o remetia ao seu próprio sentimento de abandono e despertava impulsos primitivos de violência e ódio.

Inicialmente ele entendia sua ida às sessões como uma punição injusta, pois acreditava que fazia parte da função paterna corrigir os filhos, da mesma forma como fora educado pelo pai. Tinha muito medo de falhar e de que os filhos virassem “bandidos”. Sentia-se perseguido pela justiça e pela analista.

**Pouco a pouco, o vínculo transferencial proporcionou-lhe capacidade de pensar sobre o dano causado por sua violência. Com o trabalho, foi percebendo que a continuidade da psicoterapia era necessária como forma de proteção a si mesmo e à família. Passou a sentir-se acolhido e a agir com maior serenidade. Essas transformações levaram os psicólogos do abrigo a emitir parecer favorável a que o pai visitasse os filhos aos finais de semana. Em seguida, foi autorizado que as crianças passassem os finais de semana em casa, motivo de muita alegria para o pai e os filhos, que passaram a planejar o retorno da vida em família.**

Nas etapas finais do trabalho terapêutico, o pai relatou ter se dado conta de que não estava presente efetivamente na vida dos filhos, mas apenas alimentando-os e cobrando uma conduta correta. Percebeu que as emoções de

cada filho se manifestam de forma diferente e passou a falar do prazer lúdico que sentia ao nadar com eles na cachoeira. Emocionava-se, chorava muito e agradecia à analista e à Vara da Infância e Juventude por terem cuidado dele e dos filhos. Sentia-se fortalecido e em condições de reavê-los.

Ao ler os relatórios iniciais da psicanalista e da Instituição de acolhimento, entendi que esse pai, naquela ocasião, não tinha as condições de um adulto. Como uma criança, era incapaz de compreender e responder à angústia do outro. Não conseguia entender que o delito do filho era um pedido de socorro. Na realidade, o furto do celular fora uma encenação para que se restabelesse a comunicação interrompida entre pai e filho.

Elaborando a dor, o paciente fez um trabalho vincular, inicialmente com a analista, seguido dos filhos e com a lei, que lhe impôs limites sem agressividade. Limites que, ao serem introjetados, proporcionaram-lhe segurança e autoestima.

No trabalho vincular, o pai organizou seu caos interno e, conseqüentemente, sua relação com o mundo. Antes, não sabia o que fazer com o desamor a si mesmo, projetando-o nas crianças. A atenção acolhedora da analista permitiu a construção de um campo transferencial positivo e o desenvolvimento de uma capacidade reflexiva.

A restauração de seus objetos internos, proporcionada pela relação transferencial, permitiu-lhe restabelecer vínculos predominantemente afetivos consigo próprio e com os filhos. Por se sentir nutrido, pode nutrir os filhos.

A paulatina restauração dos objetos internos bons, representada pela qualidade do vínculo com a analista, por maior disponibilidade e atitudes adequadas em relação aos filhos, levou o judiciário a devolver-lhe as crianças. Como pena alternativa para seu delito e para o seguimento de seu crescimento pessoal, o juiz determinou-lhe realizar trabalhos comunitários no abrigo que acolheu seus filhos. Gratificante constatar que psicanálise pode

reconstruir a vida de famílias em situação de risco, que dificilmente teriam acesso aos seus benefícios.

Outro exemplo emblemático foi a da menina vítima de violência pelo pai que resultou na perda dos dentes. Ela foi prontamente atendida por um dentista voluntário que lhe devolveu o sorriso escondido pela vergonha de estampar a dor da agressão. Também foi atendida por um psicólogo, para cuidar da ferida interna, mais profunda e difícil de estancar.

Outra criança, vitimada pela violência da avó, teve a visão do olho direito perdida e recuperada por uma equipe de oftalmologistas voluntários, e igualmente seguiu em psicoterapia.

*A infância é breve e tem pressa. Não tem tempo para esperar pelas políticas públicas. A Sociedade de Psicanálise de Brasília muito pode contribuir para que a justiça seja plena para todos e que as dores e sofrimento causados pela desigualdade social possam ser amenizados por uma psicanálise reparadora e socializada.*

Nós psicanalistas temos muito a oferecer, seja em atendimentos, supervisão ou treinamentos. Um acordo de cooperação da SPBSb com a Vara da Infância seria de grande importância para a reparação dos danos causados pela vida, nem sempre justa.



*Lúcia Passarinho é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# O GRUPO COMO DISPOSITIVO DE INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA

*Maria Elizabeth Mori*

Recentemente, ao participar de evento sobre pesquisa clínica em Psicanálise (II Conferência Regional “As várias faces da pesquisa clínica”, patrocinada pela SBPSP), chamou-me a atenção o interesse dos presentes a respeito do processo de trabalho em grupo, a partir das experiências dos Working Parties (WP). A criação da Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC) pela FEBRAPSI também é um outro acontecimento que merece destaque no meio psicanalítico por valorizar trabalhos junto de grupos de comunidades locais, além de atentar para os movimentos sociais, culturais e políticos da sociedade.

Os WP são distintas propostas metodológicas de investigação clínica, de tempo limitado, realizadas em grupo de psicanalistas, num processo de trabalho de livre associação dos participantes, conduzidas por coordenadores e com a presença de observadores. Cada uma possui características próprias e critérios de composição e funcionamento e buscam compreender os fenômenos que ocorrem na sala de análise, nosso laboratório, quando sessões de um paciente são apresentadas com a presença do analista e colocando em tensão as diversidades teóricas do nosso campo. Atualmente, são cinco métodos (Especificidade da psicanálise; Escuta da escuta; Microscopia da sessão analítica; Métodos clínicos comparados; Método dos três níveis) que buscam responder às seguintes questões: O que é o conhecimento psicanalítico? Como o obtemos? Como escutamos uma narrativa clínica? Em suma, como é nosso processo de trabalho e o que nos caracteriza como psicanalistas?

Robert Hinshelwood, psicanalista da Sociedade Britânica de Psicanálise e professor da Universidade de Essex, Inglaterra, autor do livro *O que acontece nos grupos: psicanálise, o indivíduo e a comunidade*, enfatizou que os WP são atividades de trabalho em gru-

po de psicanalistas com experiências com análise individual, em consultórios privados. Para esse psicanalista, os relatores dos WPs aparentaram “fé no trabalho grupal”, apesar de a formação nas instituições psicanalíticas não contemplar ordinariamente o estudo de grupos. Manifestou certa estranheza pelo fato de não terem sido relatadas situações de conflitos nos processos de trabalho dos WPs. Ou, então, na apresentação dos resultados dos trabalhos deixaram de ser explicitados os problemas ocorridos, ficando, mais uma vez, os não-ditos institucionais, “pois, todos sabemos como é difícil a convivência na vida institucional das nossas sociedades”!

Ricardo Bernardi, da Associação Psicanalítica do Uruguai, enfatizou a necessidade da intervenção grupal para a constituição de um processo de triangulação ampliado, com a inclusão do olhar de um terceiro, para auxiliar a compreender o que ocorre no encontro da dupla analítica. Os WP são uma extensão do processo de escuta para além das supervisões clínicas, tradicionalmente utilizadas no nosso campo de atuação, com a presença de vários psicanalistas para juntos pensarem “o caso”. (Para saber mais, ver *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 2010, sobre “A escuta em questão: os Grupos de Trabalho”).

## UMA PSICANÁLISE DE GRUPO

Tomando estes acontecimentos como analisadores, pergunto-me: os WP e as atividades a “céu aberto” (trabalho psicanalítico fora dos consultórios), ao tomarem o grupo como dispositivo de intervenção psicanalítica, produzirão algum processo de mudança nas relações institucionais do nosso meio psicanalítico? Trata-se de uma aposta de convivência entre psicanalistas experientes (ou não) e na valorização do trabalho grupal, para além de uma investigação científica, em detrimento de um trabalho exclusivamente individual.

Um diálogo entre diferentes. De escutas e de narrativas clínicas, com suas teorias (explícitas e implícitas) e práticas, no espaço grupal.

O “grupo”, portanto, ocupa o lugar do possível, como um terceiro, no espaço intermediário entre indivíduo e sociedade, onde o diálogo, a criação e a ousadia do “brincar” a partir da livre associação sejam experimentados coletivamente. Neste sentido, são atividades que tentam superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade (multidão, massa, povo), o privado e o social, que atravessa nossa cultura e ainda mantém aceso o debate sobre um certo psicologismo versus sociologismo dos saberes: à psicologia coube o estudo dos fenômenos individuais e à sociologia, dos fenômenos sociais. A psicologia também se divide ao falar em psicologia individual e psicologia social.

Os movimentos do sujeito e do social foram pensados por Freud que considera os trabalhos de Le Bon, McDougall e Trotter para pensar em algo que coloque limite à expansão narcísica do sujeito. Em 1921 Freud escreveu “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, um texto fundamental para a compreensão dos fenômenos psíquicos quando os indivíduos estão reunidos. Na introdução afirma que “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (*Obras completas*, v. 15, p. 14, Companhia das Letras, 2011). Ou seja, o ser humano é um ser social. E Freud convocará Eros, as relações amorosas (libidinosas, afetivas), como o principal fator civilizatório que permitirá a passagem do egoísmo para o altruísmo. Do narcisismo ao social.

Para muitos autores esse caminho trilhado por Freud é o que permitirá propor uma psicanálise de grupo. Mas, falar de fenômenos de massa é o mesmo que falar de grupos? Pergunta-se Regina Benevides (professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, atualmente consultora da Pathfinder International, em Washington) que nos oferece sua tese de doutoramento, publicada no livro *Grupo, a afirmação de um simulacro* (2007), de cuja cartografia sobre os movimentos de elaborações teóricas sobre grupos ressaltarei as contribuições com forte inclusão da psicanálise.

Wilfred Bion, psiquiatra e diretor de um hospital inglês, durante a segunda guerra, onde predominava a indisciplina e a hierarquia, realizou experiência grupal utilizando-se da leitura psicanalítica para a integração

institucional. Inserindo o grupo como intermediário da relação indivíduo-sociedade, o grupo passa a ocupar dois lugares: “um espaço onde se digladiarão o indivíduo, seus conflitos, sua história privada, sua identidade pessoal, versus os indivíduos, seus mitos, sua história grupal, sua identidade grupal... o grupo como espaço-arena e organização de diferentes ações e intercâmbios entre seus membros” (Benevides, 2007, p.104).

Pichon-Rivière, na Argentina, cria a técnica do grupo operativo. O grupo se define pela tarefa e esta se conforma pela estruturação do grupo. “O que está em jogo é o tipo de vínculo que se estabelece durante o processo de trabalho. O grupo operativo tem como função essencial aprender a pensar, isto é, desenvolver a capacidade de resolver situações conflitantes manifestadas no campo grupal. (...) A produção grupalista argentina continuou com Grinberg, Langer, Rodrigué, Bauleo e Bleger” (idem, p.105).

Na França, nas décadas de 1960-70, outros psicanalistas pensam o grupo a partir dos conceitos psicanalíticos: Anzieu, Pontalis, Kaës, Missenard, Bejarano. O grupo serve como contexto de descoberta das formações inconscientes. As ações em grupo são deslocamentos, condensações e figurações simbólicas. Todo grupo tem suas características (símbolos e mitos), seja entendendo-o como um sonho (Anzieu) ou como aparelho psíquico grupal (Kaës). O relevante é tomá-lo como objeto (externo e interno), sendo o grupo suporte de investimentos pulsionais. Não há grupo sem imaginários. E o papel do analista é o de ser permeável às representações imaginárias, de modo a elucidá-las e levar o grupo a sua elaboração. Os fantasmas são individuais e entram em ressonância quando vividos em grupo, segundo Benevides.

#### ANÁLISE INSTITUCIONAL

A crise das instituições nos anos de 1960 e o questionamento das práticas políticas (capitalismo X comunismo) faz instituir o Movimento Institucionalista, reunindo conjunto de correntes de pensamentos que tinham como elemento aglutinador apoiar processos de autoanálise e de autogestão de coletivos. Estimula-se o surgimento de experiências disruptivas em relações estabelecidas como se fossem “naturais”. O conceito de instituição se desvincula de organização e se desloca para forma como se produzem e reproduzem as relações sociais. Instituição não mais representativa de algo estático, mas que envolve a relação entre um movimento instituinte

de produção de novas relações e realidades sociais, e o instituído, formas sociais naturalizadas que surgiram de movimentos instituintes anteriores.

A análise institucional, proposta inicialmente por René Lourau, nos anos 1970, surge com objetivo de ir além da discussão das relações no interior dos grupos, colocando em cena a análise das instituições que atravessam e determinam estas relações. Conceitos são propostos: 1) analisador: um acontecimento que irrompe no grupo, denunciando as tensões e conflitos presentes nas relações institucionais; 2) análise da implicação: análise dos vínculos (afetivos, profissionais e políticos) que os indivíduos mantêm com as instituições, não devendo ser confundido com engajamento e investimento.

Gilles Deleuze e Félix Guattari propõem, em meados de 1970, a esquizoanálise como um processo de análise dos modos de subjetivação de indivíduos e grupos em suas relações com instituições e o mundo. Conhecida também como “Clínica das diferenças”, tensiona as explorações sociais e afetivas que se dão na micropolítica, questionando suas ações, desconstruindo modelos de representação e potencializando o desejo, percebido como revolucionário. Problematisa discursos e saberes instituídos. Possibilita olhares e intervenções vividos na experimentação e oferece ferramentas que podem ser acionadas por todo profissional de saúde: 1) transversalidade: ampliação da comunicação entre as linhas verticais (hierarquizadas e instituídas no campo da gestão, com atitudes do tipo “manda quem pode e obedece quem tem juízo”) e as linhas horizontais representativas de corporações profissionais que se expressam em seus tecnicismos e separam, subtraindo, os não especialistas; 2) territorialização e desterritorialização: o desejo em seu movimento de conexão não

respeita fronteiras e muro de territórios consolidados pelo instituído, mas produz movimentos de desterritorialização, instituindo novas práticas, discursos, relações e equipamentos; 3) produção de subjetividade: o desejo é produção de novos modos de existências, de processos de subjetivação que constituem formas de existir socialmente, nos quais nos movemos e nos reconhecemos no mundo.

#### EXPERIÊNCIA NO SUS

Com base nas propostas dessas abordagens grupais, com ênfase no inconsciente, participei de um coletivo de profissionais da saúde (dentre eles, alguns psicanalistas) no Ministério da Saúde, a partir de 2003, quando formulamos uma política pública de saúde denominada Política Nacional de Humanização, da Atenção e da Gestão do SUS, PNH, o HumanizaSUS (ver artigo “Os Coletivos da PNH: a cogestão em ato”, *Interface*<sup>1</sup>). Até meados de 2015, quando essa política foi extinta, realizamos intervenções em grupos de gestores, trabalhadores e usuários de serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), quando pudemos colocar em análise os processos de trabalhos grupais. No DF esta experiência foi publicada no artigo “Apoio Institucional e cogestão: a experiência da PNH no SUS DF”, também pela revista *Interface*<sup>2</sup>.

O apoiador (analista institucional) toma o grupo como dispositivo, procurando intervir em situações de conflito latente, em não-ditos institucionais, que produzem alienação e descontentamento com a vida institucional que causam sofrimento aos trabalhadores e criam barreiras ao acesso. Neste processo percebe-se que os grupos apresentam uma realidade complexa e paradoxal, já que incluem movimentos de fechamento (com atitudes de ensimesmamento e assujeitamento),

assim como de abertura e processualidade (expansão instituinte em busca de outras saídas criativas e novos problemas), como bem lembrado pelo Eduardo Passos (psicólogo e psicanalista, professor da UFF, ex-consultor da PNH) na apresentação do livro de Benevides. Para o autor, os grupos se apresentam como “rede quente”, ao produzirem continuamente a si e o mundo, permitindo a comunicação dos díspares, do que é forma e do que é força, do que é produto social ou subjetivo, ocupando um não-lugar e afirmando utopias ativas. E como “rede fria”, ao se desconectarem de um plano de produção, se deslocando do produzir-se, cujo efeito é do esfriamento, do incapacitar-se, do perigo de congelar-se, assujeitar-se.

Penso, portanto, no grupo como dispositivo psicanalítico de intervenção na vida institucional. E por isso, entendo ser necessário ampliarmos nossos estudos sobre o campo e, assim, efetivar o quarto eixo de formação psicanalítica, sobre grupalidades e vida institucional, objetos de trabalhos de psicanalistas de nossas instituições. Como exemplo, cito o artigo “O candidato e a instituição psicanalítica. Um quarto eixo na formação psicanalítica?”, objeto de pesquisa relatada pela diretoria da Associação de Candidatos da SBPdePA, na Revista Fepal, 2006, agregando-o ao clássico tripé constituído pela análise didática, seminários clínicos e teóricos e supervisão clínica.

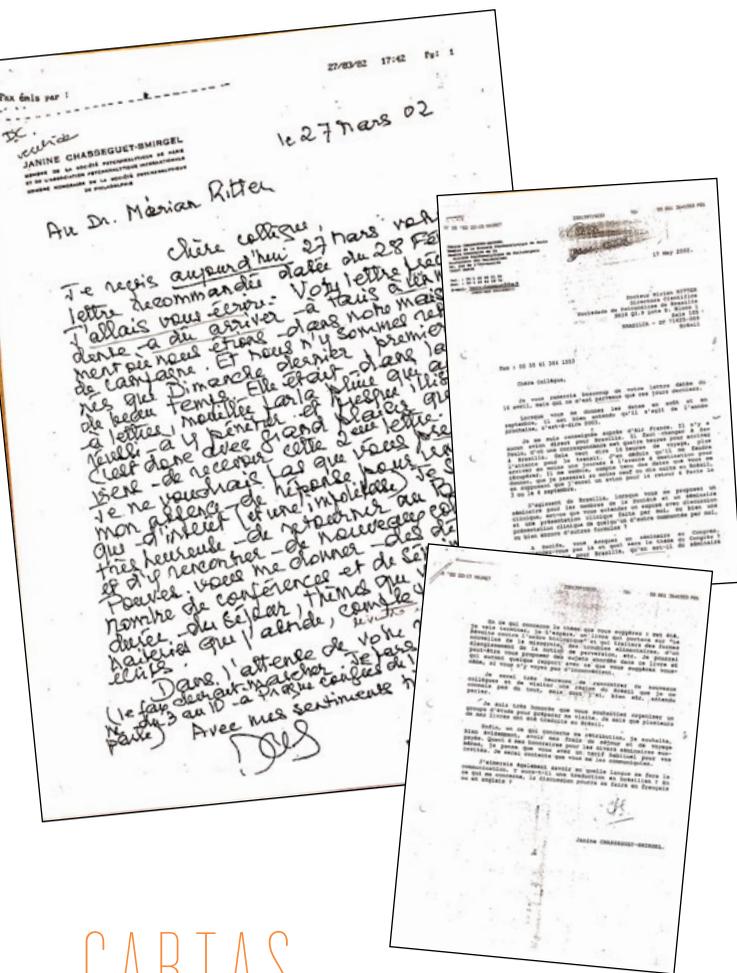
Trata-se de retomarmos os artigos de Freud sobre a cultura e o que tem sido produzido por muitos psicanalistas contemporâneos a respeito de grupos. Assim, para que nós, psicanalistas que habitamos instituições psicanalíticas, passemos a pensar de modo mais abrangente como estamos produzindo nossos processos de trabalho constitutivo da nossa alma grupal, contribuindo para emergência de novos instituintes.

#### (ENDNOTES)

- 1 Mori, M.E.; Oliveira, O.V.M. (2009). Os coletivos da Política Nacional de Humanização (PNH): a cogestão em ato. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 13(1), 627-640.
- 2 Mori, M.E.; Oliveira, O.V.M. (2014). Apoio institucional e cogestão: a experiência da Política Nacional de Humanização no SUS no DF, Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 18(1), 1063-1075.



*Maria Elizabeth Mori é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília*



## CARTAS

Caros colegas,

Remexendo no meu arquivo, encontrei duas cartas da Janine Chasseguet-Smirgel datadas de 2002, de quando eu havia convidado nossa ilustre colega para nos visitar através do projeto CAPSA/IPA, porém, apesar de tudo organizado, infelizmente, a Dra. Janine não pôde vir.

Encaminho cópias digitalizadas das cartas que ela nos enviou, como recordação saudosa de tão importante psicanalista, falecida em 5 de março de 2006.

*Mirian Ritter, presidente da SPBsb na gestão 2015-2016*

27/03/2002

À Dra. Mirian Ritter

Prezada colega,

Eu recebo hoje, 27 de março, sua carta registrada datada de 28 de fevereiro!

Eu iria lhe escrever: sua carta precedente – deve ter chegado – a Paris em um momento quando nós estávamos em nossa casa de campo. E nós só retornamos no domingo passado, primeiro dia de bom tempo. Ela estava na caixa do correio, molhada pela chuva que tinha penetrado e praticamente ilegível. E então com grande prazer que eu acabei de receber essa segunda carta.

Eu não gostaria que você considerasse minha ausência de resposta por uma falta de interesse (e uma indelicadeza). Eu ficaria muito feliz – de retornar ao Brasil e de encontrar novos colegas.

Você poderia me dar alguns detalhes: número de conferências e de seminários, duração da estadia, temas que você gostaria que eu abordasse, levando em conta os meus escritos.

Na espera de sua resposta (o fax deveria funcionar. Eu viajo por uma

semana de 3 a 10 a Praga, para o congresso da E.P.F. onde eu falo). Com meus sentimentos muito cordiais,

*Janine.*

17 de maio 2002

Prezada colega,

Eu lhe agradeço muito sua carta datada de 16 de abril que só me chegou nos últimos dias.

Quando você me comunicou as datas em agosto a setembro, é claro que se trata do próximo ano, isto é, 2003.

Eu me informei na Air France. Não há nenhum avião direto para Brasília. É preciso fazer uma conexão em São Paulo com uma correspondência de 4 horas para chegar a Brasília. Isto quer dizer 16 horas de viagem, mais a espera pelo trânsito. Eu deduzo disso que eu deveria chegar ao menos um dia antes para me recuperar. Me parece, levando em conta as datas que você mandou, que eu passarei ao menos nove ou dez noites no Brasil, supondo que eu terei um avião para o retorno a Paris em 3 ou 4 de setembro.

Tratando-se de Brasília, quando você me propôs um seminário para os membros da sociedade e um seminário clínico, você quer dizer uma apresentação com discussão de um caso clínico, feita por mim, ou uma apresentação clínica de outra pessoa comentada por mim, ou outras formas?

Em Recife, você mencionou um seminário no Congresso. O que você quer dizer com isso e qual será o tema do Congresso? E quanto ao seminário clínico?

*Idem para Campo Grande.*

A respeito do tema que você sugeriu: este verão eu vou terminar, eu espero, um livro que incidirá sobre “A revolta contra a ordem biológica” e que tratará das formas novas da misoginia, dos distúrbios alimentares, de um alargamento da noção de perversão, etc. Eu poderia talvez lhe propor assuntos abordados nesse livro e que terão alguma relação com o que você mesma sugeriu, se não lhe for inconveniente.

Eu serei muito feliz de encontrar novos colegas e de visitar uma região do Brasil que eu não conheço, mas da qual eu, claro, já ouvi falar.

Eu estou muito honrada que você deseje organizar um grupo de estudo para preparar minha “apresentação”. Sei que vários de meus livros foram traduzidos no Brasil.

Enfim, no que concerne aos meus pagamentos, eu desejo, evidentemente, ter meus gastos de estadia e de viagem pagos. Quanto aos meus honorários para os diversos seminários, acho que vocês têm um valor previsto para seus convidados. Eu serei contente que você me informe a respeito desses valores.

Eu gostaria, igualmente, de saber em que língua se fará a comunicação, haverá uma tradução para o português? No que me concerne, a discussão poderá se fazer em francês ou em inglês?

*Janine Chasseguet-Smirgel.*

*(Agradecemos a Sílvia Helena Heimbürger pela tradução)*

Nossa homenagem à psicanalista francesa pela expressiva contribuição ao pensamento psicanalítico contemporâneo, com inovadoras ideias sobre a sexualidade feminina, criatividade e perversão. Ex-presidente da Société Psychanalytique de Paris e vice-presidente da IPA de 1983 a 1989, Janine Chasseguet-Smirgel (1928-2006) dedicou-se também a problemas sociais e políticos e é autora de *O ideal do Ego* e *Sexualidade feminina*, publicados no Brasil.

# BRASILEIROS EM BUSCA DO BRASIL

VERDADES, MENTIRAS E (DE)NEGAÇÕES

*Carlos Cesar Marques Frausino*

*O Brasil tem um enorme passado pela frente*

Millôr Fernandes

Certa vez, Tom Jobim, afirmou: o *Brasil não é para principiantes*. Mas como pensar ou *apreender* o Brasil e a construção de laços sociais que consolidem um estado de direitos e um estado de bem-estar social? Metodologicamente, talvez o *paradoxo* possa ser um método para entender o Brasil. Os chamados “intérpretes do Brasil” – Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Antonio Cândido, Florestan Fernandes, Raimundo Faoro, Fernando Novais, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Milton Santos, entre tantos outros – ainda hoje nos instigam a pensar o quão problemático era e é interpretar uma realidade sempre em movimento e nunca totalizada.

Apesar das inúmeras características brasileiras, uma delas merece destaque: a *Negação*, tal como descrito por Freud em 1925. Desse lado do Equador, no Brasil, não há uma tensão e/ou dialética entre verdade (ou o sentido da verdade) e mentira, mas sim entre (de)negação e verdade. Os brasileiros, por mecanismos de cisão e negação, negam a nossa história. Mas quais brasileiros? Aí já é outro texto.

Sempre é delicado fazer mediações teóricas entre conceitos clínicos para aqueles utilizados na análise de fenômenos sociais, mas os conceitos de cisão e negação podem

nos inspirar a pensar o quanto a sociedade brasileira nega as suas mazelas. Esse fato está na raiz do estímulo da não construção de “laços sociais” efetivos e perenes no Brasil e na gênese da atual crise na qual estamos imersos, sem precedentes na nossa história.

*Há vasta literatura que aponta que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão no Ocidente, mas segue marcado pelas desigualdades sociais e pratica um racismo silencioso, igualmente perverso. Apesar das discriminações não constarem do corpo da legislação vigente, os pobres, e principalmente os negros, percebem menos pelo seu trabalho, as populações negras são ainda as mais culpabilizadas pela Justiça etc.*

O Brasil recebeu 40% dos africanos que compulsoriamente deixaram seus países, sob o regime da escravidão, cerca de 3,8 milhões de imigrantes. Ou seja, com 60% de sua população composta por pardos e negros, o Brasil pode ser considerado o segundo mais populoso país africano depois da Nigéria (segundo L. Schwarcz e H. Starling em *Brasil: uma biografia*, 2015, Companhia das Letras). Uma rápida pesquisa nos dados do IBGE permite observar essas discriminações.

Mas a “verdade ou sentido da verdade”, enquanto país, está intimamente ligada à construção de laços fraternos e da cidadania. No

Brasil, estamos longe da consolidação desses fatos. Em janeiro de 2011, o Brasil criou a Comissão Nacional da Verdade, ou Comissão da Verdade, que previa a apuração das violações aos direitos humanos no período entre 1946 e 1988, intervalo entre as duas últimas Constituições do país.

É um tema delicado para a sociedade brasileira. Pois, envolve um período, principalmente entre 1964 e 1979, quando foi sancionada a Lei da Anistia, em que o Brasil

viveu submerso numa ditadura militar, com restrições às liberdades individuais e coletivas, supressão dos direitos constitucionais, censura, perseguição política dos que eram contrários ao regime. Uma chaga ainda não cicatrizada, mesmo com restabelecimento do regime democrático e a promulgação da Constituição em 1988. Ainda hoje, há cicatrizes abertas resultado da tortura, mortes e desaparecimentos de pessoas.

A Comissão não teve poderes para punir



agentes da ditadura. No entanto, as investigações incluíam a apuração de autoria de crimes como tortura, mortes, desaparecimentos forçados e ocultação de cadáveres, perdoados com a Lei da Anistia, de 1979.

O Brasil era o único país da América do Sul que teve sua história recente marcada por uma ditadura e que ainda não tinha instituído uma comissão de verdade e reconciliação. Nossos companheiros de Mercosul, todos, já passaram pela experiência. A comissão argentina, intitulada *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*, funcionou nos anos de 1983 e 1984 e publicou seu relatório em 1985, relativo à investigação de eventos ocorridos entre 1976 e 1983. O Uruguai teve não apenas uma, mas duas comissões semelhantes, em 1985 e em 2000. E, no Paraguai, a Comissão da Verdade e Justiça foi criada em 2003.

No restante da América Latina, países como a Colômbia, El Salvador, Guatemala, Panamá, Peru, Bolívia, Granada e Equador também criaram suas comissões de verdade e reconciliação, com diferentes graus de sucesso. O Chile, para não nos esquecermos de outro exemplo importante, teve duas comissões: uma, concluída em 1991, que se concentrou nos casos de assassinatos e desaparecimentos, e outra, de 2004 e 2005, que se voltou para os casos não fatais de violação dos direitos humanos ocorridos no país durante a ditadura de Augusto Pinochet.

Há obstáculos para buscar a verdade e caminhar no “sentido da verdade”, no período de que tratou a Comissão Nacional da Verdade. Durante algum tempo foi impossível superá-los, negando tanto a possibilidade de se perceber e reconhecer os fatos como aconteceram, como até mesmo sua existência. Em outros tempos, foi quase impossível conhecê-los, levá-los em consideração, lidar com eles. No entanto, hoje é possível descerrar a névoa que permeia esses crimes contra os direitos humanos.

Em 10 de dezembro de 2014, a Comissão da Verdade apresentou seu relatório à sociedade brasileira. Apesar do trabalho e das investigações da Comissão, sua repercussão no Brasil foi quase inexistente.<sup>3</sup> Fica a pergunta: por que? Um capítulo, sem luz, da história brasileira é sistematizado e apresentado para a população, mas as discussões foram localizadas, a imprensa dedicou poucas linhas ao assunto.

Paulo Cesar Sandler, no texto “Psicanálise e Verdade”, apresentado na Sociedade de Psicanálise de São Paulo, em 1999, destaca

que “Freud descobriu a psicanálise centrando-se na busca pela verdade e desenvolveu a psicanálise desse modo, abandonando teorias que mostraram-se falsas. Não se vai buscar algo que não tenha sido perdido; haver uma busca revela intrinsecamente que há um relacionamento de amor e ódio do ser humano com o par antitético verdade/mentira”. Não se trata de fazer psicanálise aplicada, mas sim de reconhecer que o edifício teórico e clínico da psicanálise pode inspirar e contribuir para que fatos possam ser investigados e desvendados com o devido cuidado e intensidade necessária. O que impõe a necessidade de se estabelecer confrontos e correlações entre fatos passados e o presente; realidade e fantasia; paradoxos e contradições; verdades e mentiras etc.

Para finalizar, utilizo as palavras de Bion no seu texto clássico “Necessidade de verdade e necessidade de reajustar constantemente os desajustes”: “[...] os procedimentos psicanalíticos pressupõem que haja, para o bem-estar do paciente [*e da sociedade*], um constante suprimento de verdade, tão essencial para a sobrevivência física. Além disso, pressupomos que uma das precondições para sermos capazes de descobrir a verdade, ou pelo menos para procurá-la na relação que estabelecemos conosco e com os outros, é descobriremos a verdade sobre nós mesmos [*a sociedade brasileira*]”.

Como afirma Adir Blanc: *O Brasil não conhece o Brasil/ O Brasil nunca foi ao Brasil*.

#### (ENDNOTES)

3 Quase todo o trabalho da Comissão e o seu relatório final podem ser vistos no sítio eletrônico: <http://www.cnv.gov.br/>



Carlos Cesar Marques Frausino é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília

# LÍNGUA

Paola Amendoeira

*A Língua é minha pátria  
E eu não tenho pátria,  
tenho mátria  
E quero frátria.*

(Caetano Veloso)

*“É pelo sonho que vamos”*

(Vasco da Gama)

A língua é um órgão muscular que, forrado de fino veludo, nos permite sentir os mais diversos sabores que compõem nosso paladar. Também tem importante papel na deglutição dos alimentos, uma vez que já se inicia nela toda uma decomposição que nos permitirá assimilar os nutrientes tão caros à vida. Aquilo que ocorre organicamente anuncia e promove as bases para que uma outra Língua se desenvolva. Já não única e de cada corpo/um, mas aquela que é compartilhada por um determinado grupo. Aquela que forma e é formada pela identidade de um grupo. É nela e através dela que se compartilha e se vive a cultura de um povo. A Língua viva contém e carrega em si a imensidão de signos e valores de uma determinada Cultura. A Língua é isso tudo e muito mais. É usada como elo que nos aproxima, mas também como signo que nos diferencia e divide. Da mesma forma, através do conhecimento da Língua de cada povo entramos em contato com nuances daquela cultura, com seus sabores, seus dissabores e sua história.

No Chiado de Lisboa encontramos o bom e velho chiado que tão rápido identifica o *carioca* no Brasil e no mundo. Apesar de duvidosa origem, em si mesma contém a casa do homem branco ou a casa dos carijós (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Carioca>) e em sua incerteza apresenta o bojo da brasilidade de nosso povo.

Estávamos então no fim da década de 50 e início da década de 60 quando do encontro entre Agostinho da Silva (exilado no Brasil fugindo de Salazar) e José Fernando Aparecido de Oliveira nasce a ideia de uma Comunidade de Língua Portuguesa a partir de um sonho. Naquela época, os países que falam português, como os conhecemos hoje, sequer existiam. Eram em sua maioria ainda colônias.

Em meio a uma série de dificuldades políticas Agostinho da Silva resolve vir ao Brasil,

mas com uma peculiaridade, perfazendo o percurso de Cabral e conclui: ‘Minha pátria é a Língua Portuguesa’.

O Português é uma língua feita pelo mar. Espalha-se como língua de viagens, de domínio, de opressão, mas também como memória e identidade. E na sua história pelo globo, hoje vemos ‘o mar como fronteira e a língua como ponte’. Navegar é preciso, viver...

Diz-se que ao entrar em contato com o projeto de Aparecido e Agostinho, Darcy Ribeiro teria dito: “Aparecido, você cravou uma lança na Lua” – expressão indígena (N. Marinho, em *Uma Lança cravada na Lua*, TRIEB Nova Série, vol. 9(1 e 2), p. 11-13, 2010).

Em 1985 foi criada oficialmente a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que pretendia fazer com que os povos oriundos das navegações portuguesas se irmanassem de modo a se preservar suas identidades, humanidade e solidariedade, fomentando um desenvolvimento mais igualitário.

O que um dia foi um sonho, hoje é uma realidade.

A Língua viva é memória. Inscreve experiência, encarna e engendra sensações numa antiga tejedura de cada um.

Através do registro da fala de Fernando Catroga sobre “A escrita da história como rito tanatológico”, na mesa apresentada no Primeiro Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa, realizado em Lisboa em maio de 2016, entramos em contato com a importância da escrita da história para que a memória não se esqueça. Pois que o esquecimento é uma corrupção do tempo.

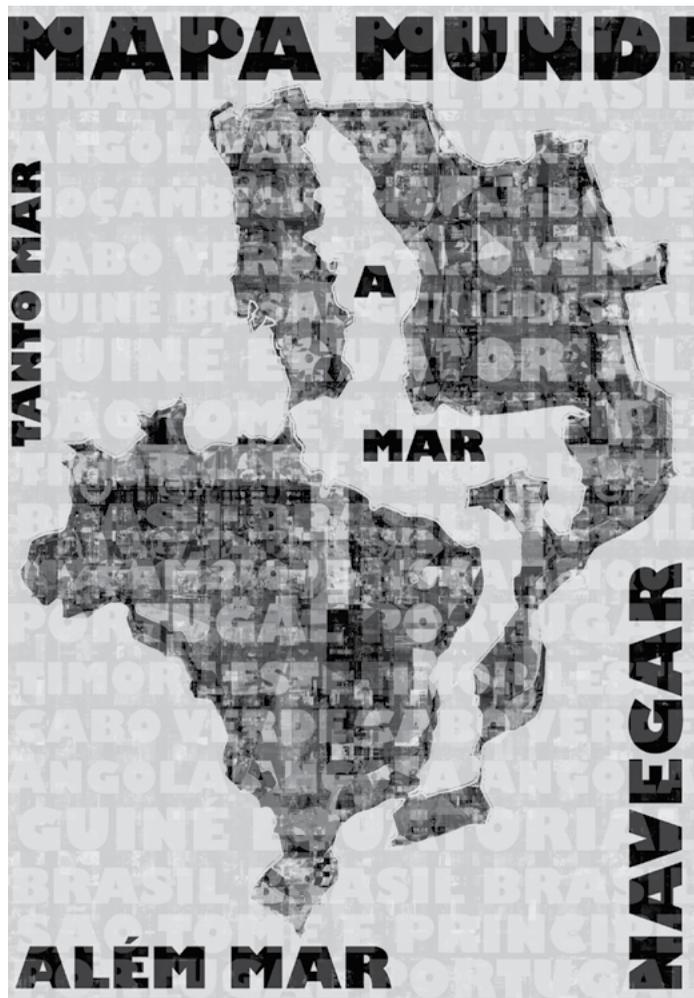
Contar uma história é a *narrativação* de um tempo.

Não há história da memória sem história do esquecimento.

Para lembrar tem que esquecer.

Enquanto memória, o passado tem futuro.

Memória como experiência do tempo.



*O Mapa da Lusofonia, criado por Alexandre Ricciardi, traça um continente imaginário, entre o mar e o além-mar por onde vamos navegar. O continente da nossa língua detém um mar interno, A-MAR, aquele que pode nos unir.*

É um engano pensar que o futuro não tem passado ou que o passado não tem futuro.

Vivemos uma cultura atual que vem paulatinamente eliminando o suporte para memória.

Um povo sem memória é um povo sem cultura.

Melhor meio de acabar com uma cultura é roubando-lhe a língua.

A língua é a memória viva.

Um grafite urbano, a língua da rua em símbolo 'atualizada', é escolhido como capa do Primeiro Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa: Violência, Memória, Identidade. Nele vê-se uma trabalhadora negra tirando uma máscara de mulher/homem branco. O artista explica: muitos são os 'portugueses' espalhados pelo mundo. Portugal recebe um sem-número de africanos migrantes que para lá escolhem ir por considerarem a mesma língua um facilitador de tamanha mudança. Na terra nova encontram empregos onde os patrões exigem que falem como o português de Portugal e não como o falado em suas terras

natais. A pintura representa o momento onde, exaustos e no fim do dia, cada um desses trabalhadores retorna ao seu bairro e não precisa mais falar o português do homem branco e pode falar o seu português.

Cai o pano.



*Paola Amendoeira é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo e representante da Comissão de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília na organização do Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa.*

# PSICANÁLISE, CLÍNICA CONTEMPORÂNEA E PERSPECTIVAS ATUAIS

*Renata Arouca de Oliveira Morais*

Atualmente podemos observar no cenário clínico, com mais frequência, o aparecimento de pacientes que podemos chamar de fronteiriços, ou seja, pessoas em que, do ponto de vista dinâmico, as divisões do aparelho mental estariam sujeitas a grandes variações. Não há, portanto, uma divisão nítida em nenhuma parte: nos instintos; entre o corpo e a mente; no ego e suas inter-relações com o id, o superego e a realidade. A problemática com relação à divisão estende-se entre os pensamentos que são carregados de quantidades de afeto e não podem ser destacados dos instintos, salvo através de uma intensa divisão, muitas vezes acompanhada de crenças mágicas e de uma ilusão de onipotência investida narcisicamente.

A atuação, nesses casos, é o verdadeiro modelo da mente, seja ocorrendo para dentro, no corpo, com sintomas psicossomáticos, seja para fora, mediante a atuação-fora, ou seja, o agir preencheria o espaço. Há uma dependência sem recursos em que a passividade é sentida como ameaça, aberta aos perigos que o objeto “mau” onipotente pode causar. A sexualidade infantil tomada como prioridade se amplia para as questões relacionadas à fragilidade do Eu, às questões dos espaços psíquicos, à constituição das temporalidades e às questões do trauma relacionado ao desamparo advindos dessa ampliação. Desse modo, prioriza-se o arcaico e o modo como este funciona e se organiza em função da constituição e sustentação do aparelho psíquico, trazendo à tona a importância do objeto primário para além das questões edípicas (Lazzarini, 2006; Figueiredo, 2009; Cardoso & Cardoso, 2010; Carvalho 2011).

Como clínicos, somos com frequência con-

frontados com a prática, especificamente na clínica dos estados fronteiriços, ao tratar pacientes marcados pela insistência da violência, do trauma, inclusive como uma tendência à repetição no espaço analítico (Cardoso & Cardoso, 2010). Vemos, no dia a dia de nossos consultórios, o predomínio de dinâmicas da parte perversa e psicótica da personalidade humana. Assistimos à falta e à falha da capacidade de pensar e simbolizar. Há o incremento de um pensamento primitivo, pensamento concreto, pensamento sem pensador, como diz Bion em *O Aprender com a experiência* (1962). Temos uma incapacidade de amadurecimento no contato com o outro, com a realidade e com os afetos.

Verificamos um aumento de demandas de angústias mais primitivas dirigidas ao psicanalista. A praticidade relativa do convívio com os neuróticos é trocada pelo desconforto contratransferencial diante das mentes mais primitivas de simbolismo e de recursos de desenvolvimento das suas identidades, ou seja, nos deparamos com pessoas em desespero. Em alguns casos, assistimos a falhas graves interferindo no ser de uma maneira mais integrada, criativa. Por tratar-se de indivíduos que ainda não se constituíram, assistimos na clínica a indivíduos que andam em busca de si mesmos. Assistimos a crises das noções de paternidade e de maternidade, um mal-estar social, psíquico e biológico provocado pela falta de contornos e de limites, que ocasiona a força da violência pulsional.

Alguns autores como Green e Winnicott apontam para uma falta de identificações. Diante desse quadro, a pessoa tenta arrumar uma identidade que lhe permite viver o momento. Nesse sentido, encontramos identi-

dades adotadas sem firmeza alguma, pois o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças e trocas.

Esse é o cenário com o qual nos deparamos: não há mais regras claras a seguir ou a se contrapor. A religião, a honra, a honestidade, a ética, o amor, o casamento, tudo se encontra em questão, não sendo nada estável ou fixo. Vivemos em sociedades capitalistas que propõem à pessoa o consumo e a alienação. O consumo procura o preenchimento do vazio; são roupas da moda, carros, drogas, bebidas, viagens dos sonhos e todo um aparato dito como suficiente para garantir a “felicidade”. Infelizmente, diante desse quadro, essa tão imaginada “felicidade” não chega, e o que aparece é a famosa depressão, pois vemos uma pessoa incapaz de se satisfazer com o aparato de consumo oferecido.

A clínica contemporânea permite relacionar esses elementos com modelos de relação em que o desligamento está em evidência. Quando dizemos desligamento, nos referimos ao apagamento das diferenças, das possibilidades de trocas afetivas, do pensar, do esperar, da existência das falhas, frustrações e limites, da vivência e convivência em mundo real e não idealizado.

O modo que a comunicação ocorre nessa clínica é reflexo da realidade psíquica desses pacientes. Ou seja, os traumas vivenciados por esses pacientes precisam ser simbolizados e não há outro modo de eles se comunicarem a não ser trazendo esse clima turbulento e violento que viveram até então para a relação. Eles batem e acariciam e cabe aos analistas “aguentarem” tal tratamento, para que, com o tempo, seu sentido vá se revelando. Esse processo leva muito tempo, e os pacientes também têm que “aguentar” os analistas, e eles deixam isso claro. O amor e o ódio aparecem juntos aqui, ou seja, a ambivalência é uma das marcas da contratransferência e revelam-se indicativos de um processo de divisão marcante no *self* do paciente. O lugar do analista é alvo de ataques constantes.

A dimensão da representação-palavra nessa clínica apresenta-se com dificuldades, uma vez que os pacientes se utilizam mais de palavras atuadas como expressão de seu mundo interno, o que trará repercussões no trabalho.

No percurso clínico, o analista se questiona em vários aspectos, desde o próprio modo de funcionamento psíquico, sua postura, seu jeito de ser e também suas bases teóricas. A transferência, como vimos, em muitos momentos, é intensa e com momentos de fusão, o

que traz consequências para o analista e também para o paciente. O transbordamento pulsional perpassa o *setting* e geralmente sofre ataques do paciente diante do desassossego psíquico vivenciado pelo mesmo. A angústia gerada em função desse cenário é grande. Nesse sentido, enfatizamos a importância de o clínico ter um bom percurso de análise, um espaço para trocas e aprofundamentos teóricos com um laço institucional, de preferência e referência, um espaço para supervisões e, em muitos casos, uma retaguarda psiquiátrica, além de outros profissionais. Mas, mesmo diante de todo este repertório ou dessa preparação, a insuficiência comparece no cenário deixando um registro personificado, marcando a falha ou a falta existencial. A pergunta que fica é: até onde somos capazes de simbolizar e até que ponto devemos suportar a eterna insuficiência do ser?

## REFERÊNCIAS

Cardoso, M., & Cardoso, C.A. (2010). *Entre o eu e o outro: espaços fronteirios*. Curitiba: Juruá.

Carvalho, M.T. (2011). *Atualidade dos Estados-limite: trauma e trabalho do negativo* (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, UnB).

Figueiredo, L.C. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Lazzarini, E. (2006). *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica contemporânea: novos rumos, reiteradas questões*. (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, UnB).



Renata Arouca de Oliveira Morais é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

# CARTAGENA DE ÍNDIAS: UM CORPO EM FORMAÇÃO...

*Alexandre Pantoja*

Não sei exatamente quando decidi ir ao Congresso da FEPAL em Cartagena de Índias na Colômbia, mas quando me dei conta de que iria, vários foram os pensamentos e sensações. Eu já havia estado lá por ocasião de outro congresso em Bogotá, ainda não conhecia ninguém da minha sociedade, e fui com a Luísa, minha esposa à época. Assim, foi uma viagem de outra natureza.

Desta vez, outras motivações me puxavam para Colômbia, sendo a mais forte delas o encontro... O encontro com o “universo” da psicanálise.

Com meus seminários obrigatórios concluídos, e “formatura” feita, como qualquer analista em formação nesta condição encontro-me na situação singular do “limbo”: não é, nem deixa de ser. É nesse ponto que, após muita observação e conversa com colegas mais antigos e mais novos, entendo que a formação não se conclui. É um eterno devir.

Continuar a formação, de certa maneira, trouxe-me dois sentimentos: de alegria e, não menos intenso, de fobia. *Como assim, não se conclui?*

Explico. Acontece que, para mim, como trabalhamos com o campo subjetivo, nossa matéria necessita de atualização. Não do tipo tecnológico, mas do tipo realimentação. Ela pode e deve ser contínua. Seja por meio de estudos da própria psicanálise, mas também pela conversa com outros campos do saber: literatura, cinema, ciência, artes, sociologia, política...

Fora isso, acho fundamental a troca com os colegas da psicanálise. Percebo nesse encontro uma forma de renovação de nossa capacidade analítica. Cada um o faz à sua maneira. Pessoalmente, acho incrível ouvir

analistas de outras regiões e ver como sua cultura penetra sua clínica. Isso enriquece meu olhar analítico.

*A cultura de cada povo serve como a tinta de uma pintura de arte, os traços são do artista, mas as cores são da tinta. Ele pode até escolhê-las, mas não tem domínio sobre sua natureza. Ele as mistura, destaca, combina, porém não as define. Assim também é a cultura, o meio onde o humano está imerso, onde brinca e vive, mas não a define. Pode influenciá-la, e de fato sempre o faz.*

*É nesse modo de pensar que relembro Cartagena, momento de encontro, de sonho, realização, vivência, experiência. Inseridos em uma cultura diferente, incorporamos o estrangeiro. Mudamos de meio, como em um mergulho no mar. O movimento muda, a respiração é diferente, os perigos são outros, e a beleza pode ser encantadora. E lá foi...*

O tema “Corpo” foi bem adequado à cidade de Cartagena que põe à prova, a todo tempo, nossa concretude corpórea, pois oferece uma natureza intensa à sua volta, um clima *caliente*, músicas de ritmos contagiantes e uma culinária nativa de sabores deliciosos e exóticos, um povo alegre e acolhedor, e uma rede de restaurantes de fazer inveja a muitas metrópoles. Somos assim convocados a dar testemunho dessa cultura que não se intimida com nada.

O charme da cidade que tem uma muralha para protegê-la, castelo, histórias de invasões, piratas, tesouros, escravos, igrejas, sobrados, invade nosso imaginário sem que nos apercebamos. Cada visitante captura uma pequena história aqui e acolá, e cria-se no grupo um mosaico não falado, ligado à surpresa. Essa que nos faz aventureiros em

terras estrangeiras, também em busca daquilo que é, para nós psicanalistas, tesouro: o conhecimento. Em seu sentido mais amplo, relativo a pessoas, à cultura, a propostas, a ideias, a teorias, a pensamentos...

De minha parte, não posso deixar de relatar a alegria de estar lá e festejar meu aniversário, numa comemoração quase sem fim. Por ter encontrado colegas queridos de todas as partes, mas também pelas coincidências que envolveram o 16 de setembro, dia em que, há 48 anos, nasci. Na noite de véspera, tivemos a festa de candidatos da OCAL, pura vibração com direito a trezinho e tudo mais, no Mister Babilla, uma casa de dança animada e bem caracterizada. Éramos todos piratas a comemorar o sucesso de nosso Pré-Congresso.

Na saída, comemos *perros-calientes*, nome dado por nós aos cachorros-quentes colombianos, esses sim, bem piores que os nossos, mas justificaram fotos espetaculares de muito engraçadas.

Do lado de fora passava um grupo musical. Contratei-o para tocar um *feliz cumpleaños*. Dançamos e cantamos todos juntos. Na hora de pagar, eu não tinha *plata*. O Hernán, marido da colega argentina Javiera, de pronto apresentou o valor que eu achava justo, valor questionado pelos músicos, mas, enfim, aceito. Esse foi meu único presente de aniversário, a *plata* do Hernán. Para mim, significava sua amizade, nossa afinidade de ideias e a alegria de estarmos juntos mais uma vez. O que servia para o resto do grupo.

No dia seguinte, 16, ao fim da palestra do psicanalista Marcelo Viñar, anunciaram seu aniversário, notícia que levou o auditório lotado a cantar *feliz cumpleaños* ao colega uruguaio merecidamente festejado, e eu me senti, de carona, mais uma vez homenageado. Uma nova rodada de cumprimentos dos colegas deu-me a impressão de que a festa era também para mim. “Assim é, se assim lhe parece”.

Na mesma noite tivemos a *Fiesta Blanca*, a festa oficial do congresso. Na areia da praia, com todos de branco, a tradição colombiana lembrou um terreiro de umbanda na Bahia. O conjunto de música da festa era o mesmo da rua, no dia anterior. Coincidência? Convidaram-me para subir ao palco com uma colega de Belo Horizonte, também aniversariante no dia. Dançamos salsa, ou rumba, não sei bem, mas todos aplaudiram. Deus é colombiano, pensei...

Nada é mais corpo que a dança, ela mexe com todos os sentidos. O som, o toque, o

olhar, o cheiro, são oferecidos. O sabor fica a cargo de cada par.

Tivemos um congresso de clima amoroso, bem cuidado, bem planejado, enfim, muito criativo. Os problemas que surgiram, de ordem prática, não tiraram o brilho de tudo que vivemos. A FEPAL conseguiu promover um *setting* criativo com várias atividades culturais que tocavam as emoções nos corpos e contagiavam todo o congresso. Uma das discussões tratava de uma maior participação da psicanálise na cultura. Como bem disse Leopoldo Nosek, não é psicanálise e cultura, e sim psicanálise na cultura. Ela não está à parte, ela faz parte! A atividade *Psicanálise a Céu Aberto* propõe que a psicanálise tome voz, ocupe um lugar na sala da cultura, saia do quarto e se aperceba de que a cultura acontece dentro de nossos consultórios. Para uma escuta melhor, temos que afiná-la lá fora: nas ruas, nas escolas, shoppings, empresas. No cotidiano, nos movimentos sociais. Usar nosso discurso para influenciar a cultura e também deixar-nos tocar por ela.

A forma de pensar da psicanálise, dando ênfase às questões subjetivas e influenciando o campo objetivo, pode provocar uma maior qualidade em nossas decisões coletivas, trazendo aspectos diferentes dos vigentes; mostrando, quando necessário, equívocos muitas vezes escondidos em posturas patológicas de nossos representantes: políticos, religiosos, empresariais, sindicais, jurídicos, policiais, familiares. Enfim, em todos os campos do viver humano.

O “universo” de que falo no início é o do encontro, do vínculo, daquilo que une os afetos e cria o corpo emocional. A partir dele, é possível fazer da psicanálise uma matéria mais interessante e útil.



Alexandre Pantoja é engenheiro e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Na foto, em um restaurante em Cartagena de Índias.

# HOLMES E FREUD: DETETIVES DO INCONSCIENTE

**Nize Nascimento**

*Prólogo: “Escrever para ser lido, falar para ser escutado. Na mesma época, dois homens, dois médicos, Arthur Conan Doyle e Sigmund Freud, inventam novas práticas cujo eco ainda ressoa. O primeiro obtém a celebridade, criando um personagem que se tornaria emblemático. Sherlock Holmes, acompanhado de seu imprescindível Watson, oferece a seu autor os leitores que ele esperava para seus romances históricos. O segundo descobre que, por detrás das palavras de seus pacientes, se enuncia um discurso oculto. Cada um, à sua maneira, interroga o enigma da alma humana.*

*A psicanálise não é uma investigação policial. No entanto, a arte do detetive, como a do analista, se concebe no encontro, com tudo o que ele implica de inesperado, de surpresa. O encontro nunca se realiza exatamente ali onde se espera. Freud e Conan Doyle, apesar dos pesares, aceitam o inesperado. Inclusive fazem dele o coração de suas práticas. Sherlock Holmes tem êxito porque não segue os preceitos policiais clássicos. Ele não se fia na evidência, assim como Freud desconfia do discurso manifesto.”*

No seu livro *Sherlock Holmes & Cie: détectives de l'inconscient*, Patrick Avrane estabelece um paralelo entre os casos de Sherlock Holmes e o relato dos casos clínicos de Sigmund Freud. O autor mostra que, cada um a seu modo, enfrenta os enigmáticos mistérios da alma: Doyle, mediante a criação de um personagem como Sherlock Holmes e Freud, ao descobrir que a palavra traz oculto um discurso encoberto, ignorado ou denegado, subtraído do controle da consciência.

A figura do psicanalista, em sua poltrona e com seu divã, e a do detetive, com sua lupa e seu gorro, são parte de nossa cultura e “encarnam, tanto um quanto o outro, uma parte deste desejo de conhecer, de resolver ou de curar, que caracteriza o homem”.

Conan Doyle é contemporâneo de Freud.

Seus respectivos trabalhos evidenciam – no meio vitoriano da época – a atração pelo paranormal, pelo telepático e pelo espiritismo. Holmes, tal como Freud, desmitifica o mistério por meio do trabalho indutivo-dedutivo. Esta unificação imaginária, comum aos dois autores, corresponde ao ponto de partida de Patrick Avrane, que descobre muitas outras correspondências. Sugere um Holmes/Conan Doyle e Freud, integrantes, cada um à sua maneira, de um grupo de investigação de enigmas, como detetives do inconsciente que resultam ser.

Holmes interroga os detalhes da cena, ao contrário da leitura da situação em conjunto como fazem os policiais da Scotland Yard. É uma forma de trabalho que corresponde ao que Freud leva a cabo, trilhando a via régia que o leva ao inconsciente reprimido, oculto, denegado, em seu canônico livro *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

O encontro fortuito entre Holmes e Watson corresponderia ao de Freud e Fliess, e a alteração especular que os une. Para Avrane, Holmes e Freud compartilham uma mesma prática: ambos estão em posição de acolher a demanda que cada um apresenta ao outro, incluídas as perguntas intuitivas de Watson.

Freud e Holmes adotam uma escuta flutuante, enquanto ouvem as dificuldades e revelações da fala de quem faz a demanda. Porém, escutam, ainda mais, os detalhes dos relatos que poderão revelar pistas ocultas. Outro complemento valioso será a linguagem corporal, feita de silêncios, movimentos ou gestos reveladores; como também outras pistas: uma ponta de cigarro, um fio de cabelo, uma hora ou um endereço equivocados.

Estes “detetives do inconsciente” estão munidos de uma atitude vigilante e aguda observação. Ante as evidências, reconstroem com cautela, a partir de articulações lógicas, a arte da indução-dedução que lhes imporá a

revelação da verdade.

Para ambos exploradores, a tarefa se apoia no entusiasmo para escrever uma história familiar complexa, que, no caso de Conan Doyle, de maneira psicobiográfica, está centrada em um pai violento e alcoólatra. Para ele, a mulher revela o fantasma de um objeto idealizado, ora distante, ora desprezado com discrição e fingimento. Doyle se oporia ao feminismo, mas ao mesmo tempo defenderia o direito da mulher ao divórcio. História colateral, não obstante, e à margem dos mistérios de Holmes, fica incluída na filigrana de outras histórias, seja a idealização de um amor cortês que põe definitivamente à distância uma sexualidade que o célebre ajudante sente como perigosa.

Avrane sublinha a importância da falta, na trama dos indícios, para que o raciocínio do detetive se coloque em marcha. A capacidade do signo em converter-se em significante, pelo fato mesmo de sua ausência, supõe uma preponderância outorgada à lógica (inconsciente) e ao sentido (escamoteado) da crença e do afeto.

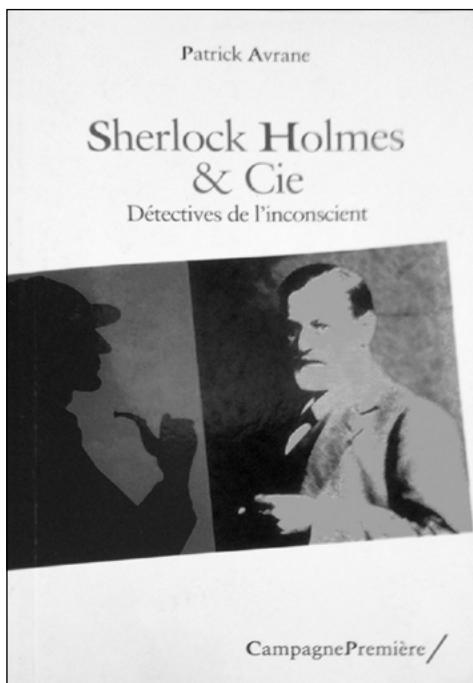
A atitude de Holmes recorda a de Freud por sua neutralidade fundamental. Ele não toma partido, nem emite juízos, para melhor ater-se aos fatos, independentemente dos afetos; como se ambos quisessem proteger-se da sedução que poderá porvir de alguém desconhecido, que se dará a revelar.

Dois fragmentos de conexão associativa:

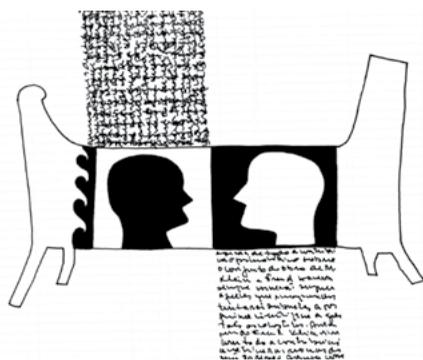
*“Nunca se confie a impressões gerais: deve-se concentrar nos detalhes.”* (Conan Doyle, 1892)

*“Não se deve tomar como objeto de atenção todo o sonho, senão os fragmentos singulares de seu conteúdo.”* (Freud, 1899).

*Sherlock Holmes & Cie: détectives de l'inconscient.*  
Editora Campagne Première, 2012, 202 páginas.  
(Nova edição revisada, corrigida e atualizada de  
*Sherlock Holmes & Cia., detetives freudianos,*  
Paris, Louis Audibert, 2005).



*Nize Nascimento é membro temporário da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro associado da Associação Psicanalítica do Uruguai.*



*Nossa capital está cheia de mistérios.  
Tenho visto nesta cidade o que não cabe nos sonhos.*

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA